



**Contos e  
Novelas  
Portuguesas  
do SÉC. XIX**

*Biblioteca Online do Conto*

*Contos e Novelas Portuguesas do Século XIX*

2014, Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, IP

Orientação: Luísa Costa Gomes

Digitalização e Correção: Inês Fonseca Santos

Revista Ficções / Instituto Camões / Instituto do Livro

*Camilo Castelo Branco*

## **GRACEJOS QUE MATAM**

Isto de querer ter graça e de fazer rir os outros anda por  
boa gente no dia de hoje.

TEATRO de Manuel de Figueiredo. *Censores do Teatro*, T. VI,  
p. 36.

*Ao Dr. Tomás de Carvalho*

Ordinariamente, chamam-se, à francesa – espirituosos – uns sujeitos dotados de génio motejador, aplaudidos com a gargalhada e aborrecidos àqueles mesmos que os aplaudem. São os caricaturistas da graciosidade.

O «espirituoso», à moderna, abrange os variados ofícios que, antes da nacionalização daquele estrangeirismo, pertenciam parcialmente aos seguintes personagens, uns de casa, outros importados: chocarreiro – trejeitador – arlequim – palhaço – proxinela – polichinelo – maninelo – truão – jogral – goliardo – histrião – farcista – farçola – vegete – bobo – pierrot – momo – bufão – folião, etc.

Esta riqueza de sinonímia denota que o bobo medieval bracejou na Península Ibérica vergôntes e enxertias em tanta cópia que foi preciso dar nome às espécies.

Ora, o «espirituoso» tem de todas. A antiga jogralidade, que era mister vil, acendrada nos secretos crisóis do progresso social, chegou a nós afidalgada em «espírito» e com o foro maior de faculdade poderosa, cáustica, implacável.

Ainda assim, o estreme espírito português, por mais que o afiem e agucem, é sempre rombo e lerdo: não se emancipa da velha escola das farsas: é chalaça.

Há poucos meses, faleceu em Lisboa um «espirituoso» que andou trinta ou quarenta anos a passear a sua reputação entre o Chiado e o Rossio. As gazetas, ao mesmo passo que nos inculcavam o defunto como pessoa que vivera aventurosamente uns setenta anos tingidos com primoroso pincel, descontavam nestes defeitos a sua imensa graça e reproduziram nova edição melhorada das suas anedotas.

Averiguado o «espírito» do homem em coisas burlescas de que fez mercancia na feira política, liquida-se, quando muito, um folião que desbragava a pena e desembestava asselvajadamente o insulto. Por este, que não deixou nome sobrevivente para vinte e quatro horas – nem o terá aqui –, orça a maioria dos jograis que tenho visto, nos últimos trinta anos, esburgar o osso da facção que lhes alquila o engenho detraidor e acabarem antes da geração que os galardoou com a moeda falsa das risadas.

O satírico de sala e botequim é mais funesto e menos trivial que o político; mais funesto porque vulnera melindres – coisa que o caloso peito da política não tem nem finge; menos trivial porque o chiste de Sterne, de Byron, de Voltaire, do padre Isla, de Heine e Boerne não apegou aqui, nem se adelgaça à feição da nossa índole, bem acentuada nas chocarrices plebeias de Gil Vicente e António José.

É mais funesto, repito; porque me ocorre hoje, regressando das Caldas de Vizela, uma história funestíssima de que só eu posso lembrar-me. Duas chalaças terçadas entre dois amigos cavaram sepulturas de vidas e honras. Se as novelas pudessem ensinar alguma coisa, corrigindo aleijões da alma, eu pediria aos gracejadores que lessem isto; e, nas ocasiões em que a língua lhes descabe na boca, engrossada pela opilação da dicacidade, a refreassem com os dentes.

\*

Era em 1851.

Apresso-me a declarar que, no tocante a nomes e localidades, desfigurei tudo, salvo generalidades vagas e o lugar em que principia a narrativa. O que menos monta na exactidão da história é o que aí se elide. Nomear pessoas e terras seria denunciar inutilmente um crime. O criminoso está diante do juiz inapelável e seus filhos inocentes respeitam-lhe a memória.

Era, pois, em 1851, aos 15 de Junho, nas Caldas de Vizela.

Entre os salgueiros que enverdecem uma ilheta acima da ponte que hoje chamam «velha», à hora da sesta, emboscaram-se sete pessoas que preferiam aquele frescor acre do arvoredado, golpeado por meandros do rio, ao cheiro sulfuroso e até sulfídrico da «Lameira».

O grupo compunha-se de pessoas de diversas procedências:

D. Helena da Penha, chamada na sua terra a Morgada velha. Cinquenta e tantos anos, viúva do capitão-mor de Athey, educada em convento, murmurando da educação e dos costumes do claustro, donde saíra com incertos conhecimentos no catecismo, e alguma instrução em busca sueca, e no Feliz independente, do padre Teodoro de Almeida. Excelente senhora, que se conteve

viúva desde os trinta e dois anos viçosos e temperados sanguineamente para não dar padraço à filha única.

D. Irene, a Morgadinha nova, vinte e sete anos, galante, mais menina que a sua idade, cheia de denguiços, amimada, acriançando-se em trejeitos e dizeres, descompondo as artificios pueris com uns ares de desgarro e desenvoltura – em bom sentido, aliás.

Decerto já observou, leitor, em senhoras de província, um desembaraço bronco, um remexerem-se e bacharelarem despropositadamente – desaires resultantes de lhes haverem dito que o pejo e o acanhamento são indícios de educação aldeã. Estes despejos improvisados sem delicadeza nem natural, quando topam diversa sociedade em praias ou caldas, dão-lhes ares do que não são e abrem margem a suspeitas indecorosas; porque elas, com tais artes, conseguem desornar-se dos comedimentos do pudor.

D. Irene eram assim. Depois veremos o que ela era mais compridamente.

Direi agora dos cinco sujeitos do grupo.

O abade de Santa Eulália, passante da meia-idade, pagão em literatura, mestre de Latim no seu concelho de Cabeceiras. Citava Virgílio apropositadamente. Quando alguém se dizia regalado com a frescura do salgueiral, declamava um trecho das *Églogas* em que havia sálices. Ao sentar-se na corcova do tronco retorcido de um amieiro, exclamava sempre, sibilando as delícias do meio- -grosso: *sub tegmine*. Tinha reumatismo e contava muitos casos milagrosos daquelas águas, e outros casos de amores que ali passaram, quando ele acompanhava sua mãe, no tempo em que as senhoras de Cabeceiras de Basto por lá faziam (dizia ele) o seu S. Miguel d'amor. Em cavaco de homens, gretava-lhe a índole e declarava-se o personagem ou protagonista dos casos atribuídos a terceira pessoa em presença das morgadas. Honestava com citações de Ovídio (*Ars amandi*–passim) a lubricidade dos pecados da sua juventude; e dizia com unção de velhaco: *Delicta juventutis meae*, suspirando. Às vezes, encontrando senhoras sertanejas de Basto, acotovelava o companheiro de passeio, e murmurava: «Aqui vem uma das tais» – Uma das tais vinha a ser uma das suas amadas, de 1825, a sílfide que ele havia ensinado a dançar o minuete e a gavota com outras prendas, e não dava agora, no pisar coxo e na gordura fofa, o mínimo vislumbre de ter sido sílfídica e bastante leveira para o gingar picado da gavota. «Está como eu», dizia o abade.

.....

Mudado como eu, como ela,

Que a vejo sem conhecê-la!...

cantava Garrett de uma das suas estrelas cadentes. O abade, ao menos, conhecia-as, embora enrocadas em tecido adiposo, e remoçava-as na sua imaginação saudosa, alindando-as com o colorido escarlate da paixão. Bom e discreto conversador, se a matéria obrigava à seriedade; filósofo eclético, alegre, rijo de estômago, cabralista por amor da ordem, e herege, porque negava que o Espírito Santo concorresse ao Concílio Tridentino. Em ciências eclesiásticas, ignorantíssimo por livre vontade e voto deliberado. Eis o abade de Santa Eulália.

Álvaro de Abreu, da estirpe dos Abreus de Regalados, filho segundo da casa e Honra de S. Gens, em Refojos de Basto, bacharel em Direito, vinte e nove anos, compacto de carnes, barbaçudo, cara plebeia, esbatida nas proeminências malares, testa descantoadada e pilosa até aos arcos das sobrancelhas. Anel de ouro com armas: em campo vermelho cinco asas de ouro sanguíneas nas cortaduras postas em sautor; timbre, uma asa idêntica. As mesmas armas na cigarreira de prata, e nos botões dos punhos, e na ametista dos berloques antigos, pendentes em châtelaine do cós das calças. Tinha cavalo e laçao fardado de azul com guarnições escarlates, botas de picaria com prateleira e espora amarela encorreada de branco. Era inteligente como a maioria dos bacharéis formados, e talvez mais. Em Coimbra, dado que não versejasse, era da roda do Couto Monteiro, do Luís de Beça Correia, do João de Lemos, do brasileiro Gonçalves Dias, do Lima poeta e do Evaristo Basto. Recitava sentimentalmente às morgadas os solaus dos irmãos Serpas; e as paródias do Beça e Couto Monteiro.

Cábula minha pachorrenta e gorda

Quem dentre as folhas te espremeu dos livros!

Ou então, o caso da castelã que desafogava saudades

.....

tangendo no mandolim,

e a chorar dizia assim:

*«ó fado que foste fado,*

*ó fado que já não és!»*

Cito de memória, pouco fiel nestas coisas conspícuas.

Da convivência daqueles rapazes ficou-lhe um verniz epigramático. Flagelava os padres do seu sítio com chalaças, era mais fino nos remoques ao cirurgião, e fizera mudar da terra o boticário, com quem se inimizara inexoravelmente desde que ele, por causa de umas eleições municipais, solenizadas a arrocho, o doestou, no Periódico dos Pobres, de ateu e carbonário. Ainda havia carbonários e ateus naquele tempo. Hoje há mais fé... e petróleo.

Álvaro de Abreu tinha a saúde atlética e vermelha que eu desejo aos meus leitores. Viera a Caldas porque ali namorara, no ano anterior, a morgada nova, sua prima em quarto grau; visitou-a em Athey nas festas de Natal e Páscoa, e combinou então encontrarem-se em Vizela.

Outro:

João Pacheco, do Arco de Baúlhe, morgado de Vale Escuro.

Um gentil rapaz de vinte e quatro anos, educado em Lisboa, onde tinha nascido, quando seu pai comandava uma brigada realista. Era órfão desde 1832. Aos vinte anos emancipara-se, e retirou--se para a província, onde possuía fartos bens e tias solteiras que muito lhe queriam e o indemnizaram dos mimos que não gozara na infância.

Asseveravam-lhe as tias que ele descendia de Duarte Pacheco Pereira – o Aquites Lusitano.

– Que morreu no hospital... – atalhava o moço.

– A infâmia a quem toca... – emendava a sr.<sup>a</sup> D. Isabel Pacheco, freira beneditina bastante instruída.

E, abrindo Os Lusíadas, apontava dois versos em que Luís de Camões vingava Duarte Pacheco da injuriosa ingratidão de D. Manuel:

Isto fazem os reis cuja vontade

Manda mais que a justiça e que a verdade.

João Pacheco sorria-se.

A freira azedava com o desdém do sobrinho e repetia-lhe a ode pindárica de António Dinis, consagrada a seu avô. Era, porém, quase ridículo o entusiasmo antigo da filha de S. Bento, declamando com teatral gesticulação a farfalhuda estrofe:

Cem paraus torveados

Donde por bocas mil brota Mavorte

Entre horrorosos brados,

Em fogo, em fumo, em sangue envolta a morte,

Zargunchos, frechas, que em chuveiros voam;

Elefantes bramindo a terra atroam;

Neptuno da batalha ao som horrendo

No fundo mar se espanta;

Nos eixos muda a terra está tremendo,

Mas nada o grande coração quebranta.

– O que eu colijo desses versos – dizia o sobrinho da transportada senhora – é que o bravo Duarte Pacheco espatifou muito índio, fez espadanar muito sangue de povos que defendiam o seu lar, e nunca vieram aqui atacar o nosso. Ora, a Providência castigou o Aquiles lusitano, baixando-o a tragar na barra dos desvalidos a miséria do rei de Calecut, arrojado por ele do trono à indignância.

Com poucos mais traços, está bosquejado o perfil ideal de João Pacheco. Completá-lo-ão os sucessos ocorrentes nesta história.

A sexta pessoa do grupo, que povoava o sinceiral do Vizela, era um dos Saint-Preux portuenses, o modelo acabado da beleza varonil, já passante dos trinta e cinco anos, cansado, mas fingindo que amava sempre porque era deveras querido. Não sei se ele, à imitação do marselhês Louis Gauffredi, pactuara com o Diabo dar-lhe a alma em troca das mulheres que soprasse; o que sei é que as damas que ele quis, sopradas ou não, amaram-no. Parte dessas estava nas Caldas, a abrir o apetite enfarado ou a diluir os empachos da nutrição rija. As meninas anémicas e cloróticas dos trovistas da actualidade, em 1851, pertenciam ainda à embriologia; assim como os bardos, que actualmente lhes receitam boi e vinho do Porto, fermentavam no ventre da Ideia... com i grande.

José de Almeida, o Don Juan do Porto, bem que reconhecesse os amavios corpóreos da morgada de Athey, chegara à idade em que o espírito, ganhando entojo às carnalidades, entra a namorar-se da beleza moral. Almeida zombava dos trejeitos, do palavreado, das relambórias denguices de Irene. Quem o atraía àquele grupo era João Pacheco; e quem atraía João Pacheco era o abade de Santa Eulália com o engodo das anedotas, com a simpatia das boas tolices e a prodigiosa arte de exorcizar a tentação do suicídio das pessoas que penam em Vizela quinze dias de Junho. José de Almeida me dizia a mim...

A mim?... a um homem muito diverso que há vinte e quatro anos tinha o meu nome, e esse tal era o último do grupo.

\*

Dizia João Pacheco a José de Almeida uma vez:

– Este Abreu, se não tivesse cartas de bacharel, seria um homem regular; porém, como não advoga, nem faz leis, nem as interpreta, quer à força mostrar que a formatura lhe deu alguma distinção. Faz espírito. Traz sempre consigo as pilhérias requentadas que forrageou em Coimbra

e não perde lança de as desfechar contra o abade ou contra mim, se D. Irene lhas pode vitoriar com o sorriso parvoeirão. Eu já lhe disse que os seus gracejos incomodavam o abade e me não lisonjeavam a mim. Se não se emendar, um dia joga-lhe um remoque desagradável e amordaço-o na presença da menina.

Isto dissera João Pacheco naquele dia em que o grupo, à hora da sesta, se embrenhou no salgueiral.

Nesta ocasião, Álvaro de Abreu refinara no sestro da mordacidade. O coração tem crises de embriaguez e sobreexcitações sanguíneas que refluem às bossas cranianas. A morgada naturalmente deixara-se apertar suavemente nas polpas do antebraço e correspondera à pressão voluptuosa. O bacharel, a meu ver, esponjava as suas chalaças da abundância do coração. Eu também tive dose na sua liberalidade. Estava eu a entalhar um M na casca de um amieiro. Era a inicial de uma das cinco Marias que eu amava.

– Esse M – disse ele galhofando – pode significar uma celebrada exclamação vociferada por Cambronne em Waterloo.

– Prove a exclamação histórica – interveio José de Almeida, vingando-me com aquele riso percuciente dele.

Todos perceberam, salvante as damas, que não conheciam os aromas da história de França.

– Que horas são? – perguntou enfastiada a morgada Irene.

– Cinco – responderam todos, abrindo os relógios, excepto João Pacheco.

– Singular caso! – disse ele –, tenho este relógio há doze anos; é a primeira vez que pára, tendo corda. Se o ar sulfúrico de Vizela tiver sobre o dono a influência que tem sobre o relógio, serei obrigado a parar; e parar, diz não sei quem, é morrer.

– Mas é que tu precisas de corda... – remoqueou Álvaro.

– De corda preciso; de carrasco é que não, contando contigo – redarguiu Pacheco.

– Apanhe aquele pião à unha, sr. doutor! – exclamou o abade de Santa Eulália.

As duas morgadas riram-se com bastante inteligência; e José de Almeida, golfando três novelos de fumo da pipa do cachimbo turco, regougou:

– Bem boa!, bem boa!, essa vou escrevê-la...

E tirou a carteira.

Álvaro de Abreu enfiou. As damas fitavam-no de modo que o esporeavam a desferrar-se. O riso vingativo do abade torturava-o; e, por fim, o silêncio de todos era um comum vexame: sentia-se mortificada a gente.

D. Helena da Penha ergueu-se do seu frouxel de junco e relva, dizendo:

– Vamos dar um passeio na ponte.

\*

Todos se debruçaram no parapeito da ponte, menos Álvaro de Abreu, que se retirou à entrada, pretextando o que quer que fosse.

– O doutor ficou entupido! – disse o abade. – Foi uma embaraço bem merecida... Onde se dão aí se apanham. Cuidava ele que todos nós éramos espolinhadoiro do seu espírito!... Sempre com o dedo no gatilho da graça! Uma graça atura-se; mas estar sempre com o dente mordaz arreganhado, isso é próprio dos botequins, em camaradagem de estudantes e banabóias.

– Tem razão, sr. abade – obtemperou D. Helena –, mas, a falar o que é verdade, o sr. Pacheco respondeu muito forte.

Aceito a repreensão de V. Ex.a – volveu urbanamente o cavalheiro –, mas peço licença para não me arrependar. Quem me considera talhado para a corda não se ofenda se eu o reputo digno de exercitar o instrumento da força.

D. Irene exclamou:

– Credo!

Era a expressão espontânea do horror à palavra força.

E, espevitando a língua, continuou saracoteando-se:

– Não gosto dessas coisas... Estou nervosa... O Álvaro ia pálido e trémulo... Vejam lá se fazem algum desaguado por causa de uma graça... Vamos embora, mamã! Estou muito nervosa... veja...

E oferecia o pulso ao abade.

– Tem febre? – perguntou a mãe alvoroçada ao abade.

– Está agitadinha – confirmou o abade, envesgando para nós os olhos zarolhos de velhacaria. – Quer apalpar, sr. João Pacheco?

– Não percebo de pulso – disse o convidado.

Com licença... – interveio José de Almeida. – Eu vejo. – E, tateando o pulso de Irene com o relógio aberto, disse: – Cem pulsações por minuto. Isto não é febre... é amor, minha senhora...

– Boa! – disse a menina, retirando a mão –, o sr. Almeida tem lembranças! O amor sente-se no coração, não é no pulso.

– O pulso é o denunciante do coração – retrucou o portuense. – O amor é o sangue mais apressado.

– Faltava-me ouvir essa! – notou D. Helena, jubilosa por ver que a menina já sorria.

– Em boa ciência é aquilo que diz o sr. Almeida – confirmou o abade. – Efectivamente, o amor acelera a circulação do sangue.

– Aqui tem o voto de pessoa experiente – disse Almeida.

– Está feito... – assentiu o abade, dando à cabeça três ligeiras demonstrações de consentimento.

– É muito prendado, não tem dúvida... – volveu ironicamente a viúva do capitão-mor de Athey – Ora, tenham juízo!

– Que remédio senão tê-lo, minha senhora! – redarguiu o clérigo pagão. – sátiro velho não topa dríades nas florestas.

– Quê?! – perguntou a senhora, que desconhecia os escândalos mitológicos.

– Queria eu dizer, excelentíssima senhora, que o juízo em mim, velho de cinquenta anos, não se recomenda, lastima-se.

– Como estás, menina? – perguntou D. Helena à filha.

– Sobressaltada... Tenho medo de alguma desordem... O primo Álvaro tem tão mau génio...

E fez várias visagens.

– Agradeço a sua compaixão, minha senhora – ocorreu João Pacheco –; mas peço-lhe que empregue a sua sensibilidade mais oportunamente.

\*

Ao empardecer da tarde, José de Almeida foi procurado na farmácia da Lameira, onde então florescia um boticário que parecia imortal pelas sandices originais – e ninguém já hoje se lembra dele! Este país não é para ninguém: desenganemo-nos.

Era João Pacheco a chamá-lo de parte para lhe dizer:

– Acabo de ser procurado por dois sujeitos de Braga, que se dizem padrinhos do desafio a que sou reptado por parte do Abreu. Respondi-lhes que eu enviaria pessoa com quem se entendessem.

– Estou às tuas ordens – condescendeu prontamente Almeida, que era padrinho vitalício de todos os duelos daquele tempo na sua briosa cidade. – Que arma escolhes? sabre?, florete?, pistola?...

– Mais devagar – atalhou o morgado de Vale Escuro. – O Abreu não joga arma nenhuma. O meu mestre de tiro foi o marquês de Nisa; de sabre foi o Chico Belas, e de florete foi o Petit. Sei pouco; mas sei mais que Álvaro. Se lhe aceito o duelo, vou seguro da minha superioridade, e, pouco mais ou menos, não sairei do campo com a consciência mais tranquila que um homicida. Vai tu, se me queres obsequiar, dizer isto aos padrinhos.

José de Almeida voltou à noite,

– O Abreu teima em bater-se – disse-lhe ele. – Quer duelo de morte, pistolas carregadas e desfechadas à ponta de lenço.

– Vai declarar aos padrinhos que aceito – deliberou serenamente João Pacheco.

– Estás doudo?!

– Faze o que te digo.

– Escolhe outra testemunha, enquanto eu vou avisar o regedor – retorquiu sorrindo José de Almeida. – Eu cuidei que eras um rapaz valente e prudente. Não te batias, há pouco, porque as tuas vantagens repugnavam ao cavalheirismo; e aceitas o combate, dada a igualdade que pode dar-se entre dois assassinos estupidamente ferozes!

Pacheco ria-se: e Almeida discorria razoavelmente.

– Faze o que te digo – repetiu o morgado. – Pois tu, criança, persuades-te que o Abreu deseja bater-se em tais condições? Os covardes têm fantasias dessas enquanto o desafio procede nas incruentas conferências dos parlamentários. Assevera tu ao Álvaro que eu aceitei o combate à ponta de lenço; e espera o desfecho.

– Mas supõe que ele sustenta a palavra!...

– Sustentarei a minha. – E, batendo-lhe no ombro, acrescentou: – Vai sossegado. O homem tem mais amor à vida que à honra. Ouviste? Se ele propuser o duelo à ponta de língua, declara logo que não aceito.

Os bracarenses, ouvindo a resposta de Almeida, ficaram embaçados e atónitos. O mais cordato, com o louvável intento de economizar sangue ilustre, ponderou que era uma desgraça matarem-se dois cavalheiros da primeira nobreza do Minho, e aventou o seguinte:

– Se João Pacheco lhe desse uma satisfação na presença das pessoas que ouviram a injúria...

– Satisfação... como? – inquiriu Almeida. – Dizer-lhe que não o reputa carrasco? A emenda é pior que o soneto. Não proponho isso. Deixá-los matarem-se! Morrem gloriosamente. Tanto faz morrer de cálculos na bexiga como de uma bala no coração. João Pacheco já teve em Lisboa e Madrid quatro duelos de morte, e está vivo.

– Parece-me isso extraordinário! – observou maravilhado o braguês, supondo que no duelo de morte era obrigatório morrer.

– Não há nada de extraordinário. O estilo estatuído no Código de Honra é que as pistolas, uma cevada de pólvora e pelouro e a outra simplesmente de pólvora, sejam sorteadas. Pacheco teve sempre a sorte por si. Mas o nosso caso é outro. Morrem ambos irremediavelmente.

– E nós?, que há-de ser de nós? – atalhou sobressaltado o filho da outrora circumspecta Braga.

– Nós? – respondeu Almeida. – Praticaremos a rara virtude de nos não matarmos. Os senhores fogem para a sua terra e eu para a minha. É o que legisla o Código de Honra. As testemunhas, não podendo depor acerca da honra dos afilhados mortos, safam-se a unhas de cavalo. O restante da tragédia pertence ao coveiro.

Um dos padrinhos fez menção de lavar as mãos e disse:

– Eu cá de mim...

– É Pilatos neste negócio? – perguntou o portuense.

– E dois – respondeu também o outro, recordando e recitando três passagens pesadas de um livro do conselheiro Rodrigues de Bastos a respeito de desafios.

– Em que ficamos? – rematou José de Almeida. – Deixe lá o sermão.

– Vamos falar com o Abreu: e ou ele desiste de se bater, ou nós declinamos a missão.

– Pois não se demorem, que João Pacheco já está escrevendo as suas disposições testamentárias.

Conquanto a bravura não fosse o predicado mais proeminente do amator de Irene, deu-se nele um fenómeno de heroísmo que pertence aos milagres do amor. A nova, que os pálidos agentes lhe levaram, apenas o desfaleceu por instantes. A imagem da prima foi-lhe como a visão de Palas aos guerreiros da Grécia de Homero, acoçoando-lhe alentos sobrenaturais à sua índole.

– Pois morreremos! – exclamou ele com ar de Leónidas no desfiladeiro das Termópilas.

– Resolves então morrer? – perguntou um dos padrinhos.

– Que remédio?!

– Arranja outras testemunhas... – intimou o segundo padrinho. – Nós temos deliberado abrir mão desta asneira. Se te batesses por um motivo sério, verbi gratia, se o Pacheco te desonrasse uma irmã ou coisa semelhante, ou te chamasse algum nome injurioso, ladrão, verbi gratia, então estaríamos ao teu lado, e até seríamos os primeiros a defender-te com as armas na mão; ora agora matar-se um homem a troco de uma chalaça que não vale dois caracóis, isso é a bestialidade maior que pode praticar um homem, se não está doido furioso! Lá que tu, verbi gratia...

– Não dês mais razões – atalhou Álvaro de Abreu. – Procurarei outros padrinhos...

Altercaram até às dez e meia da noite. Um dos dois bracarenses, que argumentava valentemente com o recheio do verbi gratia, repetiu as sãs doutrinas do conselheiro Rodrigues de Bastos, piorando-as na linguagem. O certo foi que a pertinácia do sensato amigo vingou abalar o ânimo renitente de Abreu, a ponto de lhe incutir por um lado da alma o raciocínio e pelo outro lado o medo.

Entretanto, no quartel do morgado de Vale Escuro ocorriam casos notáveis. José de Almeida, encontrando às onze horas da noite o abade de Santa Eulália, que vinha de fazer a partida de voltarete à morgada de Athey, disse-lhe ao ouvido:

– Os homens matam-se amanhã ao romper da aurora. O Sol, quando nascer... verá dois cadáveres.

O abade não duvidou. A catadura do portuense tinha os assombros da catástrofe.

– Jesus, santo nome! – exclamou o padre. – Eu vou avisar o regedor, se me dá licença; e quer dê, quer não, o meu dever é evitar tal desgraça.

– Não evita nada, abade. O regedor só pode prendê-los no conflito de transgredirem a lei. Quem sabe o lugar onde eles vão matar-se?!

O abade apertou o passo, retrocedendo para casa de D. Helena. Entrou ofegante e roxo. Assoprava as palavras e embebia no lenço vermelho as bagas de suor que lhe bolhavam na testa. Referiu o que soubera de José de Almeida. Irene, que estava ceando bifés de cebolada, foi logo atacada de histerismo, e a mãe arrotava nas ânsias espasmódicas do flato. Outro padre que ali estava, capelão e administrador da casa de Athey, pegou a declamar contra a relaxação do País, desde 33 para cá.

– Sr.<sup>a</sup> morgada! – alvitrou o abade atalhando a objurgatória política do outro –, aqui perto de nós mora o sr. João Pacheco. Se V. Ex.<sup>a</sup> quer, vamos lá. É impossível que este cavalheiro resista às reflexões de uma senhora que ele tanto venera!

– É já – assentiu D. Helena cobrindo-se com o xale e recomendando ao capelão que fizesse companhia à menina.

Quando entraram, havia conferência entre os padrinhos de Álvaro e José de Almeida. João Pacheco, segundo o estilo, não era presente; mas, contra o estilo, em tais andanças, estava a dormir. Foi chamado para receber a visita da sr.<sup>a</sup> morgada. Espertou estrouvinhado, e foi à saleta onde a senhora dialogava ansiadamente com Almeida e com os outros acerca do desafio. O portuense havia já anunciado que as condições mortíferas do duelo estavam modificadas. Abreu, coagido pelos padrinhos, prescindira de morrer, e propunha o combate nos termos comuns.

A fim de aplacar as agonias flatulentas da viúva, Pacheco asseverou-lhe que não haveria ferimento de perigo. Quanto a recusar-se ao desafio, consoante a dama rogava, alegou que a sua dignidade lho proibia. Redarguiu a consternada senhora que ia pedir a seu primo Álvaro que desistisse do duelo.

– Se ele desistir – observou Pacheco –, tem V. Ex.<sup>a</sup> conseguido o seu bom intento; mas coloca o seu parente em má posição perante os cavalheiros em quem confiou a desafronta da sua imaginária desonra. Vá descansada, minha senhora. O seu futuro genro não sofrerá mutilação de espécie alguma. O nosso combate será um simulacro de esgrima, uma espécie de ginástica de sala com espadas sem ponta nem gume.

\*

Ao repontar da manhã, atravessámos o Vizela por umas alpondras sobre as quais se encurvam hoje os arcos da Ponte Nova. Trinavam ainda os rouxinóis nas margens frondosas do rio e ao longe assobiavam melros e grasnavam as pegas nos pinheirais. A corrente murmurosa trapejava nas franças dos amieiros debruçados à flor da água. Daí ladeámos o banho do Mourisco, à volta do qual estavam umas mulheres aldeãs espulgando-se nos seios com um despejo digno da inocência da Arcádia. Os homens respectivos escodeavam as calosidades

calcâneas ou atarracavam tachas nos tamancos. Depois subimos uma charneca declivosa por onde hoje se alarga e complana a estrada de Penafiel e entrámos em uma encosta de tojeiras e sargaçais. Carregámos à esquerda, fraldejando o outeiro por sobre o bravio, e emboscámo-nos por boiças de carvalheiras até encontrarmos uma clareira chã e menos acidentada.

– É aqui – disse Almeida aos padrinhos de Álvaro.

Os combatentes despiram as quinzenas e os coletes.

Os pulsos de Álvaro negrejavam cabeludos e quadrados, de uns que o povo diz que têm só uma cana, como sinal de rizeza inquebrantável: os dedos eram penugentos e trigueiros, com as unhas sujas. As mãos de João Pacheco eram magras, translúcidas e depauperadas do bom sangue que tingia a epiderme. O que me deu a mim alento e esperança na vitória de Pacheco foi o sereno e risonho aspecto do moço, e a confiança na arte que neutraliza os ímpetos da força.

Rompeu o combate à voz de José de Almeida. Álvaro de Abreu – caso singular! – fechou os olhos e floreou a espada em sarilho tal que o adversário lhe cedeu terreno, aparando-lhe uns botes e esquivando o embate dos outros. Eu seguia ansioso aquele vertiginoso redemoinho do aço que lampejava e o tinido aspérrimo das lâminas. João Pacheco bradou:

– Pare lá.

Álvaro estacou, provavelmente cuidando que o adversário estava ferido.

– Este homem – disse o outro às testemunhas – fecha os olhos, não se defende, e eu involuntariamente posso matá-lo!

– Se me permite uma reflexão – interpôs-se Almeida dirigindo-se a Álvaro de Abreu –, o senhor está enganado com o seu sistema de esgrimir às cegas. Como há-de ver a espada do seu contendor?

– Não sei jogar espada – respondeu ele. – Faço o que sei e posso.

– Vejo que pode; mas o que sabe é perigoso – contestou Almeida. – V. S.a era já cadáver, se o quisesse o sr. Pacheco. Bata como quiser, mas veja o que faz: abra os olhos.

– Parece-me acertado – obtemperou um braguês com assentimento do outro.

Recuaram ao ponto designado no terreno. Rompeu Álvaro no mesmo estilo de pancada de cego, mas com os olhos coruscantes e esbugalhados. João Pacheco fez-lhe um golpe dos primorosos da arte, o coup de manchette, no antebraço, sobre os tendões que inserem no pulso, com destridade e limpeza dignas das artes benfazejas. Estava desarmado o possante Abreu. O discípulo do Chico Belas honrara o mestre .

\*

João Pacheco almoçou com José de Almeida para, em seguida, se recolher à sua casa do Arco. Percebia-se-lhe um aborrecimento penoso do sucesso. Confessou que tinha vergonha de ter ferido um homem que desconhecia o jogo das armas e fechava covardemente os olhos. Retirava-se para evitar o espectáculo em que havia de exhibir-se logo que a triste façanha se divulgasse.

Acompanhámo-lo até Guimarães. Aqui nos disse ele:

– Não vos admireis se um dia vos constar que fui assassinado à traição. O rancor do Abreu há-de respirar seja por onde for. Na família antepassada deste homem há crimes que dariam matéria para um romance sanguinário. Os próprios parentes dizem que o pai de Álvaro matara o irmão para lhe suceder no vínculo, e matara um cunhado para administrar e desfalcas a casa da irmã. Era capitão-mor e amordaçava as suspeitas. Este filho herdou-lhe a índole; mas, aquecido ao sol de outra civilização e mais cultivado que o pai, supura-lhe a peçonha na língua. Não o temo a ele; mas devo acautelar-me dos facinorosos que acoita em sua casa, como se prevalecessem ao novo sistema as antigas Honras dos paços senhoriais.

Quando voltámos de Guimarães, Álvaro de Abreu passeava na estrada, de braço ao peito, com as primas e com o abade de Santa Eulália.

– Íamos agora visitá-lo, sr. Abreu – disse José de Almeida. – Ainda bem que o encontramos excelentemente disposto.

– Estou bom – respondeu secamente.

– Fê-la bonita o sr. Pacheco!... – invectivou D. Helena.

– Ainda há-de topar quem lhe abata as bazólias... – acrescentou a filha, chibatando com o guarda-sol um festão de madressilva.

– Minhas senhoras – contrariou solenemente José de Almeida – o sr. João Pacheco procedeu com extremado cavalheirismo.

– Muito cavalheiro! pois não! – replicou D. Irene sarcasticamente com uns esgares lorpas.

– Com toda a certeza, muito cavalheiro – insistiu o portuense. – Aqui está o sr. Álvaro de Abreu que me não desmente.

O invocado respondeu grunhindo:

– Hum.

E Almeida prosseguiu:

– Se V. Ex.as, minhas senhoras, não negassem a honradez generosíssima de João Pacheco, eu teria a conscienciosa obrigação de apelidar infame quem lha duvidasse. Assim, pedindo vénia a V. Ex.as para não dar peso à sua opinião em matérias tão alheias do seu juízo, sustento que é um biltre quem negar o cavalheirismo de João Pacheco na pendência que teve esta manhã com o sr. Álvaro de Abreu.

E, fitando-o, esperava resposta, que não logrou.

– Acabou-se! – interveio o abade. – Com águas passadas não moem moinhos...

– Diz bem, sr. abade – aplaudiu a morgada velha. – Não se fale mais nisso.

– O que eu sei – ajuntou Irene – é que, no ano passado, gozámos em Vizela dois meses deliciosos; e este ano veio aquele sr. Pacheco lá de Lisboa perturbar a nossa alegria com as suas prendas de jogador de espada.

José de Almeida sorriu-se com o mais característico gesto de mofa, abaixou a cabeça sem se descobrir e retirou-se sacudindo a calça com o chicote de baleia.

Montado no cavalo de que apeara, quando avistou o grupo, disse-me rubro de cólera:

– Aquela mulher fez-me acreditar que é possível dar-se um pontapé na parte posterior do merinaque de uma senhora.

\*

Quando, por fins de Junho, saímos de Vizela, mexericava-se que um rapaz do Porto, oriundo de família inglesa e celebrado por vinte e sete fraques que estadeava com os respectivos coletes, fora visto, à claridade da lua cheia, cochichar com Irene, ele no quinchoso e ela no muro do quintal.

Em fins de Julho, José de Almeida, no encalço de uma liteira portadora de certo objecto amado, voltou a Vizela e observou uns aleijões psicológicos na enfermidade crónica chamada o sexo pelas senhoras de Basto.

A saber:

Irene, admitida aos saraus e passeios das ilustres famílias da Torre da Marca, Machados Pindelas, Guedes da Costa, Alentém, Infias e Paço de Sousa, ouvira motejar de Álvaro, à conta do desafio, por causa das grotescas arremetidas de esgrima pelo sistema obsoleto da cabra-cega. Alguns fidalgotes, às vezes, no meio das salas, sem se resguardarem da morgadinha, fechavam os olhos e terçavam as bengalas com atitudes farsistas. As gargalhadas atroavam, e Irene

disfarçava o despeito perguntando às vizinhas que brinquedo era aquele. Afinal, teve uma sincera amiga que lhe explicou o libreto daquelas pantomimas, metendo a riso o Abreu.

Coincidiu então a chegada do sujeito dos vinte e sete fraques a Vizela, galhardeando em prendas de sala, e *savoir vivre* com mulheres, mui distintamente. De feito, Jacques Smith, educado em Londres, enfarinhado nos ademanos franceses, enfrornado em vaidades de fidalgo que tinha os ossos do seu patriarca saxónio na Palestina, elegante e quase inteligente, formava de tudo isto, reunido aos vinte e sete fraques e respectivos coletes, uma personalidade capaz de sensibilizar damas no uso de caldas e amor.

A frescura montezinha da filha do capitão-mor de Athey, a garridice um tanto canhestra, os seus saltos de ovelha espantadiça e o fluido do olhar que ela derramava remirando-o de esconso escandeceram Smith. Era atrevido como todos os sujeitos de cerebelo grande, onde demora a bossa da amatividade. A lua cheia de Junho e Julho viu coisas que a poesia costuma idear nas varandas das Julietas e que a prosa espreita em qualquer horta de couve galega por entre festões de abóbora- -menina.

O bacharel Abreu não viu tanto como a casta Lua; mas farejou. O rival tinha o prestígio que esmaga com a superioridade. O coração do homem traído abisma-se a chorar na consciência que diz: «Eu valho menos que o meu rival.» Enfureceu-se, e vozeou rusticidades à prima, que lhas escutou como quem as recebe impassivelmente com a condição de perjurar. Não se desculpou nem carpiu. Aborrecia-o, porque era irrisório desde o duelo, e porque estava perdida de amor, fulminada por Jacques Smith, bom tipo da perfeição viril, tirante as escrófulas cicatrizadas no pescoço.

Álvaro de Abreu foi para a sua aldeia. Jacques voltou em princípios de Agosto, com José de Almeida, para a praia da Foz.

Perguntando-lhe Almeida se a morgadinha de Athey passara à história, respondeu:

– Pois então!

– Era uma rapariga fresca... – tornou o outro.

– Sim, fresca e indigesta como a melancia.

\*

Em uma gazeta do Porto, de 15 de Novembro do mesmo ano de 1851, lia-se esta correspondência datada no Arco:

Esta vila sofreu a perda irreparável de um cavalheiro consumado em toda a extensão da palavra e representante de uma família, talvez a mais ilustre das províncias do Norte, pois entre

os seus avoengos se conta o grande e imortal Duarte Pacheco Pereira, por antonomásia o «Aquiles Lusitano» e o «Leão dos Mares».

Ontem de manhã saíra o Sr. João Pacheco a visitar uma sua prima em Refojos de Basto, onde passou o dia até às quatro da tarde. O cavalo em que montava era um potro não educado ainda e comprado nas manadas espanholas que vieram à feira de S. Miguel. Os seus amigos, posto que João Pacheco fosse óptimo cavaleiro, muitas vezes lhe observaram que os caminhos precipitosos destas aldeias eram impróprios para ensinar potros. Fiado, porém, na destreza do pulso e firmeza de joelhos, o temerário cavaleiro rompia por esses algares e barrocais com um denodo digno de melhor emprego. Realizaram-se funestissimamente as previsões dos seus amigos.

Ao lusco-fusco entrou pelo portão da casa de Vale Escuro o potro sem o cavaleiro, com as rédeas e bridões despedaçados. O mesmo foi levantar-se na casa um clamor a que todos os vizinhos acudiram. João Pacheco era extremosamente amado por três tias, respeitáveis senhoras, que não viam outra coisa neste mundo. Amigos e criados, saímos todos pelo caminho de Refojos; e a meia légua de distância, em um barrocal fundo e lamacento (espectáculo doloroso!), encontrámos o cadáver de João Pacheco, de bruços, com as mãos submersas no lamaçal e sem gota de sangue que denunciase o órgão ferido. Como já era escuro, e o cadáver só podia levantar-se depois do exame judiciário, ali ficámos alguns amigos até ao dia guardando os despojos de tão nobre moço, desastradamente morto na flor da vida! O cirurgião examinou-o e apenas lhe encontrou o crânio amolgado, sem extravasação de líquidos, excepto dois fios de sangue que derivavam do nariz. Presume-se com bom fundamento que o cavalo o cuspira contra uma rocha angulosa que forma um dos valados da barroca; porque também na palma da mão direita mostra contusões resultantes de se amparar contra as escarpas do penhasco. Não pode atribuir-se esta catástrofe a outra causa que não seja a queda. Se fosse homicídio, seriam outros os vestígios de ferimentos; além de que, João Pacheco era benquisto, honestíssimo, respeitador da honra das famílias, não obstante haver sido criado e educado em Lisboa. Além de rico, era um gentil moço; pois não consta que deitasse a perder algumas dessas centenas de moças pobres que se consideram felizes quando os fidalgos as levam à vereda da desonra.

Nós, os seus amigos, chorá-lo-emos enquanto as suas virtudes lembrarem como exemplo a filhos e cidadãos. Que descanse na perpétua morada da virtude o tão chorado mancebo; e peço ao Altíssimo resignação para as suas inconsoláveis tias!...

Quando li compungido esta correspondência, lembraram-me as palavras de Pacheco, na última hora em que o vi: Não vos admireis se um dia vos constar que fui assassinado à traição.

Comuniquei a minha desconfiança a José de Almeida,

– Palpita-me que foi assassinado pelo Abreu! – concordou o meu amigo, e acrescentou:  
– Escrevo hoje ao abade de Santa Eulália, citando-lhe as palavras de João Pacheco e pedindo os pormenores do desastre.

O abade respondeu que eram infundadas as nossas desconfianças; porquanto, no dia 11, em que João Pacheco perecera, estava Álvaro de Abreu na feira de S. Martinho, em Penafiel, com ele, abade, e com as senhoras morgadas de Athey; e que por sinal nesse dia perdera o Abreu cento e tantas moedas de ouro ao monta, à vista de dezenas de pessoas que nunca o tinham visto jogar.

E rematava a carta deste teor:

Os namorados fizeram as pazes. A pequena veio das Caldas muito coada de cores e com grandes... olheiras (ia a escrever «orelhas»). Nos primeiros dias, enfiava-se a cada passo e dava uns ais românticos como as damas de Basto de 1825. Infandum... renovare dolorem. Depois, a mãe, que é também matreira de 1825, escreveu ao Abreu dizendo-lhe que sua filha era vítima da ingratidão dele. Aquela «lua cheia» de Vizela, de que V. S.a me falava, não foi ouvida a tal respeito. Ora o Abreu quer-me parecer que sabia pouco menos que a referida Tétis e que o janota luso-britânico de que reza a crónica escandalosa das termas romanas do corrente ano, 1890, da era de César. Porém, como o património dele é magro e as fazendas de Athey são de encher (e de fechar) o olho, V. S.a verá que, afinal, a morgadinha, embora não tenha de desatar a cinta virginal, apanha marido, parente, fidalgo e bacharel. Se, depois, as costelas lho pagarão, isso não é da minha conta. Lá se avenham; mas melhor será que ele se resigne, e feche os olhos como no duelo, porquanto saco com honra e proveito é raro, ou não o há, se o anexim é tão verdadeiro, quanto eu sou de V. S.a amigo e venerador, Abade Silva.

\*

No ano seguinte, a floresta de amieiros do Vizela já não deu sombra e frescura a nenhum dos seus hóspedes do ano anterior.

A José de Almeida e a mim figurou-se-nos que as frondas do salgueiral afestoavam um túmulo. Doeu-nos pungentíssima a saudade de João Pacheco. Nunca mais ali voltámos.

Estavam nas Caldas a morgada velha e o abade de Santa Eulália.

Irene e seu marido, Álvaro de Abreu, esperavam-se mais tarde.

Esperava-os D. Helena; mas o abade secretamente nos disse que D. Irene nem o marido tornariam a Vizela em dia de sua vida. Segredou-nos que a morgadinha, ao oitavo dia de casada, tentara fugir para a mãe...

– Oh! – exclamou Almeida –, ao oitavo dia!, que lua-de-mel!

– A meu ver – piscou o abade entortando a boca disformemente –, esta lua-de-mel recebia a luz reflexa daquela outra lua cheia aqui das Caldas, tão sua conhecida, sr. Almeida...

– Maganão! O abade é o calendário de todas as luas que alumiam há trinta anos os amores nocturnos de Vizela...

– O que o senhor não sabe é que o marido lhe bate às cegas...

– Sim? Agora vejo que o homem, no duelo, obedecia ao costume.

– E, quando sai, fecha-a num quarto de cantaria que lá chamam a «torre», e até dos criados a zela!

– Que amor e que conceito lhe merece! – disse Almeida com a segura irónica do seu génio quando as situações demandavam piedade.

– Eu vi-a há quinze dias na igreja de Refojos. Que mudança! Está escaveirada, sem atavios, o desalinho da desgraça... Fez-me compaixão! O marido estava à beira dela; não pude sequer dizer-lhe que fugisse.

– Mas a mãe... assim a deixa desprotegida?

– A mãe definha-se; e não sabe tudo o que ela sofre, porque a filha não se queixa...

– Não entendo essa resignação! – objectou Almeida.

– Entendo-a eu. Irene era descompassadamente estúpida a respeito de certas coisas...

– A respeito de todas, pensava eu – emendou o portuense.

– Cuidou que o matrimónio era o conserto de certos aleijões com que fora daqui de Vizela.

– Fez do marido algebrista, percebo.

– É isso; mas o bacharel tem lá os seus Provarás...

– De cacete, hem?

– E a mulher tem medo que o marido peça contas à sogra dos desatinos da filha.

– As meninas que em tais condições se casam não temem as mães, abade. Casou ela livremente?

– Com toda a liberdade, e contra a vontade da mãe. Tanto assim que a velha, prevendo que o Abreu seria mau esposo, entregou-lhe simplesmente o que era do pai da noiva: setenta mil cruzados em propriedades. A casa vale o tresdobro. Foi velhacaria muito louvável; porque, dizia ela: «Se o marido a maltratar, ameço-o com a privação do meu dote, que é privilegiado e isento da meação da casa.» É o que ela está ensaiando: já anunciou a venda de duas quintas. Veremos como ele se porta...

– Por essas duas quintas fechará o genro os olhos ao passado e ao futuro. Ele bem sabia que Irene o desprezou pelo Jacques Smith. Que alentado canalha salpicado de brasões! Não posso despersuadir-me que foi ele o assassino do infeliz Pacheco...

– Juro que não foi: já o defendi.

– Então, mandou-o matar.

– Isso é uma hipótese sem nenhum fundamento. No cadáver de João Pacheco não havia sinal de ferro, nem de tiro, nem contusões de pancadas. Foi queda do cavalo, que era bravo. Não dê vulto a essa suspeita aleivosa.

\*

Joeirando as minhas reminiscências de coisas relativas a Irene, referidas pelo abade em cartas a José de Almeida, apuro o seguinte, na correnteza dos anos de 1853 a 1855:

Sem impedimento dos dissabores conjugais, Irene deu à luz o seu primeiro filho, e, mediante o prazo restrito para o fenómeno da geração, provou a sua fecundidade com segundo rapaz robusto. Donde se depreende que ele a não espancava incessantemente.

Irene vivia mais desoprimida desde que o marido reatara com uma raparigaça barrosã a mancebia interrompida pelo casamento. Ele pernoitava fora noites seguidas e não sofria em casa a menor inquietação com ciúmes.

Durante o primeiro ano, raro dia passava que a não atanzasse com perguntas cruamente torpes acerca de Jacques Smith. Depois, parecia esquecido ou reconciliado, se não era antes o receio de que a mulher lhe fugisse e a sogra alienasse as quintas.

No meado de 1855, a morgada velha faleceu nos braços da filha, recomendando-lhe que recorresse nas suas aflições ao abade de Santa Eulália. Desde este dia, recrudesceram em Álvaro de Abreu os desprezos, as injúrias e até a difamação da mulher. Aos seus parentes, que o arguiam de devasso, respondia que lhe era mister aturdir uma desonra com outras: e, pondo em miúdos a frase anfibológica, delatava a fragilidade antematrimonial de sua mulher e parenta.

Apertada pelos insultos face a face, Irene disse-lhe um dia:

– Se eu tivesse um irmão que pegasse numa espada, você não me ofenderia assim...

– Se você tivesse um irmão que pegasse numa espada e me ferisse com ela, iria para onde foi um homem que uma vez me feriu...

Irene não percebeu o sentido latente da réplica; mas referiu ao abade a passagem, digna de ponderação.

– Quem sabe – dizia ele consigo – se José de Almeida acertou quanto à morte de João Pacheco...

Os criminosos asilados sob as telhas de Álvaro de Abreu favoreciam a suspeita: entre outros somenos na tuba da fama avultavam o José Pequeno, da Lixa, e o José do Telhado, que o neto dos senhores de Regalados sentava à sua mesa, quando Irene ficava no quarto. Entrou em averiguações o abade, e soube que os dois salteadores, quando João Pacheco morreu, estavam na casa dos Abreus de Refojos, jogando a esquineta com os criados.

Como quer que fosse, o abade entrou-se de medo bem entendido, quando Irene lhe pediu que a protegesse e resgatasse da escravidão em que vivia.

«Este homem, se eu me intrometo nos distúrbios de sua casa, é capaz de mandar um dos seus celerados apunhalar-me!», conjecturava ele racionalmente.

Não obstante, indagava com cautela o modo de libertar Irene pelo divórcio, ou pela fuga para mosteiro ou casa de família honesta. As famílias honestas recusavam-se a receber a esposa difamada pelo marido; as menos honestas esquivavam-se a desavenças com Álvaro de Abreu, respeitando mais os hóspedes que o hospedeiro. Os donos das casas endinheiradas dormiam tranquilamente enquanto o amigo do José do Telhado e José Pequeno lhes não retirasse a sua estima.

E, naquele tempo, havia governadores civis, administradores de concelho, regedores, cabos de polícia, etc. Esta corporação de funcionários não prendia ladrões: fazia deputados.

\*

Irene instava com urgentes rogos. Dizia desatinos ao abade. Traçava planos vulgares; mas de escândalo estrondoso. Fugiria para o Porto, onde estava um homem que ela amava: iria pedir-lhe o amparo do amante ou a vingança do cavalheiro. Tinha lido o Palmeirim de Inglaterra; mas não conhecia o Cavaleiro da Triste Figura. O abade recomendava-lhe juízo e paciência; e cuidava mais fervorosamente em salvá-la do amante que do marido. Falava-lhe dos filhos. A comoção era medíocre. As mães que desafogam as suas angústias, ajoelhando à beira de um berço, estão salvas. Irene carecia da virtude redentora das esposas, que fazem os seus anjinhos

intercessores com a justiça divina. Era criminosa. O marido cuspiu-lhe uma injúria, e ela abaixava o rosto indelevelmente manchado. Um dos esteios da honra quebrara-o a moça solteira em Vizela: restava-lhe outro – o da sinceridade com o noivo aborrecido: quebrou-o também. Se a sorte lhe deparasse marido tão amante quanto generoso, a regeneração fá-la-ia o esquecimento do erro, e o segundo baptismo da alma seria a unção das lágrimas nas faces cariciosas dos filhos. Havia uma chaga a cicatrizar na consciência de Irene; não lha leniram com o bálsamo do amor ou da caridade: exulceraram-lha a ferroadas de inúteis vitupérios. As mulheres assim, quando não se engolfam no tremedal, ou são feias como o pecado, ou predestinadas como Santa Pelágia e Santa Maria Egipcíaca.

O abade de Santa Eulália solicitou a protecção de um prelado, seu parente, a favor da desditosa Irene. Conseguiu-se a entrada da esposa fugitiva no convento de Santa Clara de Coimbra. O abade avisou-a, guiando-a no passo da fuga. Irene deveria sair para uma das suas quintas de Cerva, onde costumava ir no Outono, e fugir de lá com duas pessoas da confiança do abade. Aceitou alegremente a proposta; porém, dias depois que se transferira à quinta donde devia fugir, com efeito fugiu; mas não eram confidentes do abade as pessoas que lhe protegiam a retirada pela serra de Marão em direitura ao Porto.

A mulher de Álvaro de Abreu escondeu-se nos arrabaldes daquela cidade, no Bom Sucesso, em uma casa-chalé, telhada e ladrilhada de asfalto negro à inglesa, com estores impenetráveis e à volta um silêncio sepulcral a ouvir – permita-se-me a expressão – os suspirosos murmúrios que lá dentro se atabafavam nas alcatifas e nos cortinados.

Aquela casinha abarracada era o chalé de Jacques Smith, o homem dos vinte e sete fraques para quem a frescura da melancia era indigesta.

Não é natural que a esposa fugitiva fizesse por ali escala para o cubículo de Santa Clara.

\*

Avisado Álvaro de Abreu que sua mulher desaparecera da quinta de Cerva, deixando os filhos com recomendação às amas que os entregassem ao pai, não se afligiu desesperadamente. Sabia que Irene suspirava pelo convento e que o abade, confidente dela, era o agente desse plano. Procurou o abade na sua residência e perguntou-lhe, carranqueando, onde estava a doida.

– Não sei, sr. Abreu.

– Não manguie comigo, abade... Em qual convento está Irene? O senhor tratou disso, foi a Braga, falou ao deão, etc.

– Sem dúvida; mas a sr.<sup>a</sup> D. Irene, quando foi procurada para entrar no convento de Santa Clara de Coimbra, já tinha saído da quinta.

– Não me conte lérias, abade! – retorquiu sarcasticamente o bacharel. – Eu estou a ler-lhe na alma. Irene vai requerer o divórcio, guiada pelos seus conselhos.

– Não é verdade, sr. Abreu – atalhou o abade.

– Não me desminta. Que interesse tem o senhor, pastor de almas, em insinuar a desordem no seio de uma família?

– Já disse a V. S.a...

– O senhor é tolo! Parece que não tem amor à pele... Repare no que lhe digo: se a justiça, a requerimento de Irene, me inquietar, quem paga as custas é o sr. abade de Santa Eulália. Fica avisado.

– Mas... sr. Abreu... juro-lhe pela sagrada hóstia...

– Não me fio em hóstias!... Padres!, corja de marotos!, cuidam que estamos ainda nas trevas do absolutismo!... Fica avisado, entende-me?

E saiu tinindo riço com as esporas no pavimento e dando estalos com o chicote.

O abade era uma congestão de pavor, com o espírito estritamente necessário para cogitar em transferir-se a outra abadia.

Nesses dias de sobressalto, escrevera ele a José de Almeida, contando-lhe as suas cólicas em linguagem picaresca. Mais egoísta que caritativo, dava ao diabo do inferno a tonta da Irene e perguntava onde iria parar aquela extravagante.

– Quanto a mim – aventava o solerte abade – a mulher está aí no Porto, sob a protecção da bandeira inglesa, enquanto eu cá estou debaixo do cacete português do marido. Ela muitas vezes me disse que tinha aí paladino. Procure-a V. S.a; e, se tiver modo de lhe transmitir os meus cumprimentos pela bestialidade que fez, peça-lhe que não demande o marido, visto que as custas já eu fui citado para as pagar em moeda de costela. Entretanto, diligencio escapulir-me daqui. Está vaga uma boa abadia no Alto-Minho. Vou requerer a mudança, esperançado no valimento de V. S.a. O deputado do círculo há-de fazer-me guerra, porque eu laboro nas fileiras da Rainha e Carta e votei contra ele; mas, repito, conto com V. S.a e com o José Bernardo. Não me desconviria nesta ocasião um canonicato em Braga, e já mo ofereceram os srs. Cabrais em 1850; hoje torço a orelha... Ah! femeaço! femeaço! Quando a política me agourava uma mitra, as mulheres far-me-iam rejeitar o chapéu de cardeal. Mulheres, piores que o Diabo, diz o Eclesiastes. Devia de estar velho quem disse isto... Finalmente, agora, em remate de cantiga, vem

essa doida da Irene perturbar o meu repouso!... Quem me mandou a mim endireitar tuertos, se ela já estava retorcida!?! etc.

José de Almeida, contando com a fatuidade de Jacques Smith, mostrou-lhe a carta do abade e perguntou-lhe se ele podia informá-lo.

Smith riu à farta das graçolas do padre, encaracolou as guias do bigode, estirou três vezes os braços com sacudida elegância, assentou a gola do fraque décimo nono, fez meia volta sobre os tacões, enclavinhou os dedos alisando os vincos das luvas, e falou desta arte:

– Eu te digo. É uma pobre rapariga. Deixei-a, como sabes. Escreveu-me sempre. Respondi- -lhe de vez em quando. Quis fugir à mãe. Pediu-me que a fosse esperar a Guimarães. Dissuadi-a de tal parvoíce. Desesperou-se, quando soube que eu fora para Paris, e casou-se por despeito. Que estupidez!, uma mulher com duzentos contos! Cheguei de Paris, e encontrei uma carta de Irene, escrita na véspera do casamento. Era um adeus com raiva e lágrimas. Dizia que não lhe importavam as consequências... – que, se o marido a matasse, Deus me pediria contas. Compadeceu-me esta tolice! Passados dois anos, escreveu-me uma história deplorável de dores íntimas. É vítima do amor que me teve. O marido mata-a lentamente e atormenta-a com o meu nome. Respondi-lhe em nome suposto, com pesar, com dó, com saudade, queres que te diga?, amando-a!... Caprichos do coração... Primeiramente, aconselhei-a a que se separasse do bruto; depois aprovei o refúgio do convento; por fim, quando ela me disse: «Vou suicidar-me», fui buscá-la. Andei cavalheiramente?

– Com toda a certeza. A ter ela de se matar, fizeste bem. Salvaste-a da morte e das penas eternas que esperam os suicidas – aplaudiu Almeida, casquinando frouxos de riso que eram uma satânica beleza na fisionomia dele.

– Estás a gracejar? – voltou o outro com aprumo entre inglês e portuense.

– Pois tu falas tão fúnebre que eu deva ouvir-te com as lágrimas nos olhos? Rio-me dos advérbios que eu e tu usamos nestes casos. Cavalheiramente! Foste buscá-la cavalheiramente! E se tivesses casado com ela, na ocasião em que a comparavas à melancia fresca e indigesta, com que advérbio celebrarias a tua acção?...

– Casar!... Porque não casas tu?...

– Isso é outra questão...

– É a mesma: porque não casas tu com...

E recenseou meia dúzia de nomes tão respeitáveis presentemente que só cada um de per si bastaria para desbotar o pudor das Pórcias e Cornélias.

José de Almeida, em verdade, no terreno da morigeração, estava deslocado. Mudou sensatamente de rumo; e, voltando ao ponto, disse:

– Que queres que eu responda ao abade?

– Diz-lhe que D. Irene está comigo; e que o diga ao marido, se isso convier à sua defesa. Quanto a demandas, que não se assuste o selvagem nem o abade.

Fez uma pirueta congenial, acenou ao jóquei, sentou-se de um pulo no coxim do mail-coach e silvou a pita do pingalim na crina dos alazões, que saíram curveteando.

«Aí vai um perfeito feliz», dizia a mocidade portuense verminada de invejas.

Seria um pouco mais feliz que um mendicante sadio se não tivesse um aneurisma a arfar-lhe no coração. Compensações.

\*

O abade, recebendo a resposta do portuense, procurou Álvaro de Abreu e disse-lhe:

– Lamento a desgraça de que não tenho a mínima culpa. A sr.<sup>a</sup> D. Irene está... onde a levou a fatalidade. Se V. S.a me admite um conselho, não se divulgue tal desgraça.

E, contando-lhe com melindrosos rodeios que D. Irene vivia com Jacques Smith, ofereceu-se para intervir no remédio deste escândalo.

– Como? – interpelou Álvaro iradamente.

– Meditarei no modo de a encaminhar ao convento.

Abreu ringiu os dentes e rosnou:

– O senhor, se não fosse uma besta, seria um canalha que vem aqui avisar-me da infâmia dessa mulher!...

– Oh, senhor! – exclamou o abade, conturbado do ímpeto do fidalgo. – Pois eu venho participar-lhe...

– O quê? Que vem o senhor participar-me? Que estou desonrado? Ora ponha-se no meio da rua antes que o despeje pela janela! Quem perdeu, quem prostituiu essa devassa, foram os seus conselhos.

O abade limpava o suor e gaguejava.

– Rua! – bradou Álvaro –, e mude de terra, quando não... faço-o esfolar. Você teve quinhão nas devassidões da mãe; que lhe importa a devassidão da filha?

Era uma seva calúnia, propalada por Álvaro de Abreu e aceite pela opinião pública. O abade então chorou, ergueu a fronte com arrogância e bradou:

– O senhor infama as honradas cinzas de sua sogra! Eu não posso vingá-la, mas Deus nos vingará, a ela e a mim!

– Fora, hipócrita! Rua!

O padre saiu aturdido. Zuniam-lhe os ouvidos e congestionava-se-lhe o sangue na cabeça.

E, desde esta hora – dizia ele –, nunca mais teve saúde nem descanso. Apagou-se-lhe a clara e serena satisfação da vida. Fechou a aula de Latim. Insulou-se da convivência dos amigos. Tinha cinquenta e seis anos. A filosofia socrática não bastava a robustecer-lhos contra os abalos da religião de Jesus. Entrou-lhe no espírito a memória severa do seu passado licencioso. Pesares, abafados pela dúvida, exulceraram-se em remorsos. Era o assombro dos fregueses. O relâmpago da fé abrasara-o. Fez-se missionário e, no púlpito, desentranhava a invencível e penetrante eloquência das lágrimas.

Acaso vi o nome deste padre na lista de missionários que uma gazeta injuriava. Comuniquei o espantoso achado a José de Almeida.

O meu amigo escreveu-lhe. Na volta do correio, a resposta dizia assim: O desgraçado, a quem escreveis, morreu. Subsiste um penitente a rogar-vos de mãos postas que, antes do inverno da vida, ofereçais a Deus as vossas lágrimas em desconto das que fizestes chorar.

– Que celebreira! – disse Almeida. – Quem havia de esperar isto dum padre tão patusco!

– E mais nada – Celebreira! Que desabrimento com umas ingentes dores, dobradamente deploráveis, se são quimeras!

Eu, de mim, compreendi aquela transformação, porque decifrara os segredos dela em minha alma. Aos vinte e um anos estudara eu Teologia, com o propósito de ir missionar entre os vituperados da loucura da Cruz. Recai, propellido pela zombaria do mundo; mas aprendi a não zombar.

\*

Por aquele tempo, um cavalheiro de Basto, o sr. Paulino Teixeira Botelho, murava um terreno lavradio que nos anos anteriores fazia parte da feira de S. Miguel, em Refojos. A política de campanário introduzira a sua garra nesta contenda de propriedade. O povo, acirrado pelos adversários políticos do sr. Paulino Teixeira, ameaçara derribar o muro e invadir a propriedade a ferro e fogo. O proprietário, forte do seu direito e bravo de seu natural, aceitou a luta, aguerrihou

criados e caseiros, e avisou as autoridades que tomaria sobre si o desempenho dos deveres que incumbiam aos fiscais da segurança pública.

Os amotinados eram, pela maior parte, jornaleiros, soldados com baixa, a ralé ínfima das aldeias, poucos lavradores e alguns caseiros de casas afidalgadas. Entre estes, sobrepujava na investida e na bravura da excitação um Manuel Fialho, que havia sido lacaios de Álvaro de Abreu, e àquele tempo era seu feitor em duas quintas nas margens do Tâmega. Fora ele quem arremetera primeiro ao muro e aperrara um bacamarte ao peito de um criado da casa agredida.

Rompeu a espingardaria, menos trovejada que o alarido da multidão. As balas zuniam na ramagem dos castanhais. Milhares de pessoas, de envolta como gado espavorido, despejavam a feira. O povo inerme açodava com o alarido os combatentes. Dos de fora, alguns caíam feridos, outros baqueavam sob os muros derruídos.

O mais pimpão, Manuel Fialho, caíra atravessado por um pelouro do peito às costas. Acudiram a levantá-lo do chão lamacento alguns dos seus sequazes.

– Quero confessar-me! – rouquejava ele. – Levem-me onde esteja um padre!... Depressa, que morro!

Olharam em redor, e viram um sacerdote que, de mãos postas, sem receio das balas que lhe sibilavam de perto, pedia ao povo que se retirasse.

– Além está o sr. abade de Santa Eulália! – exclamou um dos amparadores do agonizante.

Outro correu a dar-lhe parte de que estava ali um feitor do fidalgo de Refojos mortalmente ferido que se queria confessar.

– Trazei-mo depressa, eu o espero nesta primeira casa... – disse o abade.

O moribundo, nos braços de dois homens, entrou para um quarto onde o esperava o confessor. A confissão e a vida duraram-lhe dez minutos.

\*

Álvaro de Abreu, quando, ao fim da tarde, lhe disseram que Manuel Fialho, antes de expirar, pedira confessor e morrera nos braços do abade de Santa Eulália, acusou nas alterações de cor e fixidez dos olhos alvoroço aflitivo.

Os dois filhinhos, conduzidos pela despenseira, iam beijar a mão do pai para se deitarem. Álvaro ficou-se entre eles, prostrado em uma cadeira, abstraído, enquanto as crianças lhe contavam a batalha da feira, imitando a troada dos tiros com a boca, e a estratégia com umas

manobras infantilmente graciosas. A despenseira, cuidando que o pai se entretinha com os pequenos, retirou-se admirada. Era raro deter-se Álvaro cinco minutos com os filhos; e, quando eles se demoravam, afastava-os desabridamente.

Neste comenos, anunciou-se o abade de Santa Eulália.

Abreu levantou-se de golpe, fincou na cabeça os dedos engrifados e resmoneou:

– É certo...

O criado, que dera o anúncio, esperava a resposta.

– Que entre!... e leva estas crianças... – disse Álvaro.

O criado foi à sala de espera, e fez sinal ao abade que entrasse pela porta da direita.

– Deixe ir comigo os meninos – disse o abade, tomando-lhos cada um em sua mão.

As crianças, pondo no rosto caricioso do velho os seus grandes olhos, iam alegremente, saltando sobre um pé, e floreando as suas espingardas de cana fabricadas expressamente para darem aos criados um simulacro do tiroteio daquele dia.

– Com licença. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo – saudou o abade à entrada da sala, introduzindo as crianças.

– Entre! – disse o fidalgo.

O missionário, entrado à sala, fechou a porta e disse:

– As crianças podem entrar porque são anjos, e não entendem as nossas palavras. Em nome delas, tenho de pedir: e elas pedirão comigo.

Álvaro de Abreu escutava-o em pé, imóvel, hirto. O abade mal o divisava na quase escuridão da vasta quadra, assombrada de castanheiros seculares.

– Sr. Álvaro de Abreu, – prosseguiu o abade com a voz tremente – ouvi de confissão, em artigo de morte, Manuel Fialho, o homem que matou João Pacheco, com a pancada de um mangual na cabeça, e à traição, na Barroca das duas fontes, ao anoitecer do dia 11 de Novembro de 1851. Este homem só compreendeu e temeu a justiça divina quando se sentiu varado por uma bala. Eu venho rogar a V. S.a que compreenda e tema a justiça divina manifestada na morte violenta de seu criado, Manuel Fialho, homicida do inocente João Pacheco. Não lhe direi que se tema da justiça humana, porque o único homem que podia acusá-lo é morto; e eu não o acusarei na Terra; porém, se Deus chamar a minha alma a depor no tribunal divino, direi que de mãos postas e na presença de seus filhinhos, lhe pedi que se curvasse pela contrição e pela penitência aos pés de Jesus Cristo misericordioso.

E ajoelhou aos pés de Álvaro com as criancinhas adiante de si.

– Levante-se, sr. abade! – balbuciou o marido de Irene, erguendo-o nos braços. – Eu sou um miserável, sou indigno da sua estima... Perdoe-me as injustiças que lhe fiz...

– Não tenho que perdoar... Adeus, anjinhos – disse o padre beijando as crianças. – Ide ver-me algumas vezes à residência, que vos ensinarei a orar a Deus por vosso pai e... por vossa mãe.

– A mamã? Onde está? – perguntou o menino mais velho, que tinha quatro anos.

O abade passou o canhão da batina pelos olhos e saiu.

A voz lamentosa do padre soou no deserto, as lágrimas caíram sobre o penhasco estéril.

Álvaro desdava as roscas da serpente do remorso sem grande esforço: era ateu.

Bazofiara sempre de racionalista; mas da sua razão era excluído Deus. Acreditava, tal qual vez, nas vantagens sociais da virtude e nos perigos do crime; mas para além da torrente negra da morte não aceitava sequer a discussão absurda.

Apalpava-o agora duramente a desgraça. Havia um homem que podia acusá-lo de assassino covarde; tinha uma esposa adúltera que passeava ao grande sol das praias e das praças o seu escândalo; rareavam à volta dele os cavalheiros considerados; acanalhavam-no os celerados que se acolhiam às suas quintas; as autoridades judiciárias, açuladas pela imprensa, aguilhoavam os regedores a assaltarem-lhe as casas. Perderam-lhe o respeito, e até nos periódicos o amalgamavam com os hóspedes, invocando os manes dos condes de Regalados.

Convulsionavam-no frenesis, exasperos que ninguém mitigava com o amor ou com os linimentos da amizade, Os risos das crianças irritavam-lhe a misantropia. Era-lhe impossível a quietação e baldado o paliativo das deleitações brutais.

Deliberou viajar. Não podia vender quintas sem o consenso da mulher. Hipotecou-as com enormes usuras. Embolsou dinheiro à farta para demoradas viagens, e saiu, entregando os filhos a uma cunhada, esposa do irmão morgado.

Desde 1857 a 1861 triunfou a vida nas principais cidades da Europa. Conheceu todos os salões e todos os antros. Viu a devassidão no espanto das pompas do Louvre, onde as duquesas apresilhavam diamantes nos bicos dos peitos, e remirou-se nos grandes espelhos dos bordéis em que as mulheres, nuas como as bacantes, se espreguiçavam sobre divãs, com os seios aljofrados de pérolas, e os cabelos aromatizados de grinaldas de jasmim. Em Veneza, Milão, Paris, Londres, Madrid, em todas as cidades capitais, comprava um daumont, dois cavalos, e uma

mulher das mais cotadas; às vezes, comprava duas mulheres e quatro cavalos. Chamavam-lhe conde, porque nos seus trens fizera pintar a coroa dos Abreus, condes do Pico de Regalados.

D. Irene viajava simultaneamente com Jacques Smith. Uma vez, no Prado, em Madrid, o phaeton de Smith perpassou pelo break de Álvaro, que boleava. Refestelavam-se nos coxins duas francesas do café-concerto. Jacques acotovelou Irene e disse-lhe, risonho:

– Aos pares, hem? E tu a imaginá-lo a semear calondros em Basto...

Irene chorava.

– Porque choras?

– Por meus filhos, que não têm pai, nem mãe, e hão-de ficar pobres.

Álvaro avistara a mulher, cravara-lhe os olhos indecisos, reconheceu-a, e não tenho a certeza se lá no íntimo de sua pessoa lhe chamou descarada.

É natural que sim.

O honesto era ele.

\*

Em 1862, um padre que administrava as quintas de Álvaro de Abreu não achou usurário que lhe adiantasse mais dois contos de réis que o fidalgo pedia com urgência. Um legitimista minhoto que visitara D. Miguel na Alemanha propalou que vira Álvaro de Abreu em Florença muito doente, descarnado, tossindo, com o peito retraído, as gengivas brancas e as orelhas secas. Os usurários enfiaram de pavor. Se ele morresse, a viúva e os órfãos, alegando lesão enormíssima e ilegalidade dos contratos, levantar-se-iam com os rendimentos hipotecados das propriedades. Álvaro esperava em Londres a letra. O padre-mordomo enviou-lhe algum dinheiro, desculpando os capitalistas com o boato da sua enfermidade.

Resolveu repatriar-se, a fim de restabelecer-se no Minho. A sua doença era o corolário da libertinagem: a caquexia. Os médicos franceses aconselharam-lhe as águas minerais de Cauterets nos Pirenéus. Mudou de rumo. Era-lhe grata a esperança de voltar à Pátria restabelecido e gordo para desmentir o legitimista. Bebeu as águas sulfúricas de Cauterets, consumou o esfacelamento dos intestinos baixos, e morreu medicinalmente. Além de um titular português que lhe assistiu na morte, e enviou a Portugal a notícia, ninguém, por afecto ou caridade, lhe humedecera os beiços na derradeira febre. Contou o titular a José de Almeida que o tal Abreu tinha um pasmo de olhos horrendo quando agonizava.

Veria o espectro de João Pacheco?

\*

O abade de Santa Eulália rezava uma missa por alma de Álvaro de Abreu, quando D. Irene, trajada de luto rigoroso, entrou na casa de Refojos, onde esperava encontrar os filhos. Disse-lhe o mordomo que os meninos, por direcção do abade, estavam a educar no colégio de Landim, oito léguas distante. Escreveu ao missionário, pedindo-lhe que lhe levasse a sua amizade e o seu perdão. O velho, que ela não vira nos últimos nove anos, era tão acabado, tão decomposto, que Irene chorava, comparando-o ao festivo e juvenil abade que radiava alegria na casa de Athey.

– Afinal... – murmurou o padre.

– Aqui estou... – soluçou Irene.

– Quer ver seus filhos?

– Sim...

– Vou mandá-los buscar. Cuidei deles, porque sua cunhada não podia sofrê-los: e as criancinhas amavam-me... É preciso, minha senhora, salvar o que puder desta casa por amor destes meninos. Com ordem e economia, se Deus me der vida, tudo se fará.

Irene apressava o inventário, resgatava as vendas ilícitas, anulava hipotecas, afanava-se em liquidar o que devia pertencer-lhe da meação do casal e dos rendimentos absorvidos na totalidade pelo marido.

Observara-lhe o abade que um tamanho apuro de contas iria, sem ela querer, cercear o património dos filhos.

– Se V. Ex.a acrescentava ele – tenciona reduzir as suas despesas ao viver aldeão, sobralhe tanto do que percebe da sua metade que talvez possa deixar intactos os rendimentos dos órfãos.

– Tenciono ir viver no Porto... – explicou ela.

– Ah! – exclamou o abade. – Com que então, minha senhora... ainda não?

– Ainda não... o quê?

– Nem o grito da consciência? Nem o grito do exemplo? Nem a presença de dois filhos? Bendito seja Deus!

Este diálogo constrangido foi cortado por um servo que entregava a correspondência.

– Não veio carta? – perguntou ela agitada.

– Não, minha senhora, veio somente esta folha.

Era o Comércio do Porto. D. Irene atirou-o sobre uma jardineira, com enfado, e encostou a face à palma da mão, carregando o sobrolho.

O abade chamara o menino mais novo, que tinha oito anos, e disse-lhe:

– Vem cá, Manuel Filipe, lê-me aqui as notícias deste jornal; quero que tua mãe veja que lês correntemente.

E deu-lhe o jornal aberto. A mãe parecia estranha ou aborrecida.

O menino procurou a secção de notícias, e leu:

OBITUÁRIO. Ontem, pelas sete horas da manhã, desapareceu do número dos vivos um dos mais estimados e gentis cavalheiros desta cidade. Um aneurisma no coração arrebatou fulminantemente o sr. Jacques Smith, que...

Irene levantou-se arrebatada, bradando:

– Que é? que é?

E, pegando no jornal que tremia nas mãos do menino assustado, leu as primeiras linhas que ouvira ler, premiu o coração asfiziado pela angústia, rolou nas órbitas os olhos turvos sob as pálpebras convulsas, e caiu sem alentos.

– Porque foi?! – perguntou o aflito menino ao abade. – Ela morre?

– Não, Manuel Filipe. Isto não há-de ser nada. Tua mamã conhecia esta pessoa que morreu, e... teve pena.

Depois, dobrou o Comércio do Porto, e meteu-o na algibeira da batina para que o filho de D. Irene de Abreu nunca mais tornasse a ler o nome de Jacques Smith.

\*

Em 1871, Manuel Filipe de Abreu e seu irmão Jerónimo de Abreu e Lima, ambos terceiranistas da Universidade, vieram às Caldas de Vizela, com sua mãe, a sr.<sup>a</sup> D. Irene. Esta ilustre e respeitada fidalga de Athey não contava ainda cinquenta anos, e estava hemiplégica – metade do corpo parálítico. Era transportada em cadeira de rodas ao Banho da Bomba Forte. Uma vez, quis ir até à Ponte Velha, que não via desde 1851. Defronte da ilheta onde em 15 de Junho daquele ano Álvaro de Abreu e João Pacheco trocaram os fatais gracejos, mandou parar a cadeira. Quedou-se longo tempo absorvida na contemplação do salgueiral; depois enxugou duas lágrimas. Que lágrimas, ó leitor!... Os filhos perguntaram-lhe porque chorava; e ela, estrangulada pelos soluços, contorcia- -se, pedindo-lhes que a tirassem dali, que sentia já o frio da morte.

Levaram-na apressadamente para o quartel em uma das casas situadas no local chamado o Médico. Ao nascer do Sol do seguinte dia dobravam a finados os sinos de S. João das Caldas. A fidalga de Athey expirara nos braços dos seus dois filhos.

Perguntei ao capelão desta senhora se ainda era vivo o abade de Santa Eulália, muito afeiçoado à senhora falecida.

– Não, senhor. Esse santo morreu há três anos: a paixão da fidalga foi tamanha que caiu na cama; e, quando se quis erguer, estava lesa. Os meninos ainda choram por ele.

### CONCLUSÃO

Das sete pessoas que, em Junho de 1851, sestiarão no sinceiral do Vizela, vive somente uma, que sou eu.

O conselheiro José de Almeida expirou, no Inverno passado, na casa de saúde do médico Ferreira, do Porto.

Na derradeira vasca do longo paroxismo, circunvagou os olhos baços à volta de seu leito. Era irmão, era esposo e era pai. Não viu a irmã, nem a esposa, nem o filho. Finara-se no desamparo e desamor dos indigentes a quem a caridade dos hospitais empresta um catre ainda quente de outro cadáver. A sua existência havia sido um continuado festim: o que houve formidavelmente sério na sua vida foi a morte. Morrem assim os que não radicaram, em anos vigorosos, a santa amizade no coração da família.

José de Almeida não podia ter uma desvelada amiga, porque, nos seus anos de gentilíssima juventude, espezinvara as mulheres que o adoravam com aquela cegueira misteriosa das paixões absurdas; e, já na sazão glacial da vida, esposara uma que o acalcanhou com o desprezo dele e de sua própria infâmia, quando lhe viu a epiderme arrugada e o bigode branco.

A sociedade recebera-o e bajulara-o quando ódios e invejas lhe denegriam o nome, aureolado de aventuras amorosas. À beira do seu leito de enfermidade esquálida, e do seu ataúde soterrado na vala comum, eram seis os restantes dos seus centenares de amigos.

A noite era de Outubro. O nordeste assobiava nas gradarias dos túmulos e ramalhava os ciprestes gotejantes do zimbro da tarde.

Nos camarotes tépidos do teatro lírico, falava-se do defunto; e algumas senhoras idosas, refluindo vinte anos na corrente da sua vida remansosa, olhavam para a cadeira onde então José de Almeida se assentava. E algumas dessas, voltando o rosto, escondiam as lágrimas rebeldes, para não serem vistas dos maridos e das filhas.

E perdoaram-lhe.

S. Miguel de Ceide, 26 de Agosto de 1875.

( in Novelas do Minho , Tomo II)